VIDE LANÇAMENTOS NO VERSO DESTA FOLHA

CONFIDENCIAL

040564 34

SERVIÇO NACIONAL DE INFORMAÇÕES

AGÊNCIA CENTRAL

APRECIAÇÃO Nº 021/23/AC/84

DATA : 21 Fev 84.
ASSUNTO : ORIENTE MÉDIO. Questão do LÍBANO.
ORIGEM : AC SNI.
DIFUSÃO : CH SNI.

Aos poucos o território libanês passa ao domínio dos milicianos muçulmanos. Estes lançaram uma ofensiva ao Sul de BEIRUTE e dominaram toda a costa até perto do Rio AWALI, limite dos territórios ocupados pelas tropas de ISRAEL. Nesse ataque, dois fortes redutos cristãos foram neutralizados e permitiram que os xiitas e os drusos avançassem e estacionassem à vinte e três quilômetros da capital libanesa. Pouco resta do Exército libanês, cujos soldados muçulmanos desertaram e aderiram ao movimento revolucionário.

A Força Multinacional de Paz começa a abandonar suas posições em terras libanesas. Norte-americanos, italianos e ingleses permanecem ao largo de BEIRUTE, embarcados em navios de suas Marinhas, enquanto que as tropas francesas se mantêm aquarteladas em BEIRUTE, a espera de uma solução da ONU para o pedido formulado pelo embaixador francês junto ao Conselho de Segurança daquele Organismo. Além destas, estão em território libanês as forças de ISRAEL, ao Sul e as sírias, ao Norte e Leste do LÍBANO.

AMIN GEMAYEL esgota todos os seus esforços para melhorar a explosiva e desesperadora situação do país e aceita um plano de oito pontos, elaborado pela ARÁBIA SAUDITA, para superar a situação reinante. Dentre os pontos abordados podemos ressaltar aqueles que, pelas suas implicações, trarão problemas quanto à sua aprovação:

- retirada progressiva e simultânea das forças israelenses e sírias, em um prazo entre 60 e 90 dias.

CONFIDENCIAL

MOD 127

- anulação do acordo entre BEIRUTE e TEL AVIV, assinado a 17 de maio de 1983, para a retirada das tropas israelenses.

O ponto crucial do plano saudita é a anulação do acordo de 17 de maio de 1983 entre BEIRUTE e TEL AVIV. Em realidade esse plano nunca foi cumprido. Legalmente, o plano não existe por não ter sido ratificado pelo Parlamento libanês e pelo fato de ISRAEL condicionar o seu cumprimento à simultânea retirada das forças sírias, embora essa condição não seja mencionada no texto. Ainda sobre o plano existe a alegação síria de não estar comprometida com o mesmo, por não ter sido consultada a esse respeito. DAMASCO afirma que suas tropas não estão no LÍBANO como invasoras, mas como convidadas pelo Governo legal libanês que pediu ajuda para fazer cessar a guerra civil.

Para o líder druso WALID JUMBLATT, cujas milícias, em aliança com os xiitas, dominam praticamente a situação militar do país, o plano aceito por GEMAYEL é insuficiente e veio muito tarde. Para JUMBLATT não haverá acordo com GEMAYEL, que deverá ser julgado e condenado por seus crimes contra o povo libanês, juntamente com o Chefe do Exército, General IBRAHIM TANNOUS.

Em ISRAEL, YITZHAK SHAMIR reagiu energicamente ao plano saudita, uma vez que este prevê a anulação do acordo libanês-israelense de 17 de maio de 1983. "A assinatura de ISRAEL nesse documento é um fato que pertence à história e ao Direito Internacional. Não renunciaremos à nossa assinatura nem à nossa disposição de levar adiante, bilateralmente, os termos do acordo".

A posição de WASHINGTON acerca do plano saudita, até o presente momento, parece reticente. Os norte-americanos não se inserem no contexto do acordo de 1983, por ter sido o mesmo assinado entre ISRAEL e o LÍBANO e não opinam sobre o plano saudita. Os ESTADOS UNIDOS ratificam apenas o apoio a AMIN GEMAYEL e continuarão a desenvolver esforços enquanto houver uma possibilidade de paz.

Hoje, torna-se evidente que os dias de GEMAYEL estão contados, face à firme decisão de JUMBLATT, que representa a corrente de maior força entre os oponentes do Presidente libanês, além de ser um aliado da SÍRIA. No terreno militar, o Governo de GEMAYEL está

controlando um território cada vez mais reduzido, em face às ações das forças drusas e xiitas. A Força multinacional de Paz, por seu turno, abandona o território libanês para evitar perdas de homens ou confronto com os rebeldes muçulmanos.

No atual estado de coisas, julga-se que a solução para a crise libanesa dependerá da atitude de DAMASCO. Este poderá contentar-se ao convívio pacífico do LÍBANO com a SÍRIA, ou então buscar uma vitória total militar, a implicar na derrubada do regime de GEMAYEL, que não teria outra escolha senão recuar para as regiões cristãs, com o risco de consagrar a partilha "de facto" do país.

* * *